

Editorial

 10.46230/2674-8266-15-12958



Débora Liberato Arruda Hissa  

debora.arruda@uece.br

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Emanoel Pedro Martins Gomes  

emanoelpedro@pcs.uespi.br

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Robson Campanerut da Silva  

robson.campanerut@ifce.edu.br

Instituto Federal do Ceará – IFCE

Carlos Eduardo Ferreira da Cruz  

carlos.cruz@ifce.edu.br

Instituto Federal do Ceará – IFCE

Caras leitoras e caros leitores,

Temos a satisfação de compartilhar com vocês o dossiê temático “Teorias, práticas alternativas, tecnodiversidade e resistência à hegemonização da Cibernética: o que a Linguística Aplicada e as Ciências Humanas têm a nos apresentar?”, gestado entre 2023 e 2024, com a colaboração de pesquisadores e estudantes das Humanidades e Ciências Sociais.

Este trabalho é resultado de uma convergência de ideias e discussões, iniciadas no período da pandemia da COVID-19, sobre a centralidade que as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) assumiram na vida social, buscando entender todos os desdobramentos que ocorreram após o término deste período. Um deles foi a aceleração do desenvolvimento de *machine learnings*, da Inteligência Artificial (IA), da ampliação da total virtualização da vida humana e de todas as implicações sociais, culturais e, principalmente, políticas na sociedade em geral.

Preocupados com a contínua transformação da experiência coletiva, por meio da exploração advinda das TDICs, decidimos, com este dossiê, lançar-nos à tarefa de debater tanto a colaboração dos estudos da linguagem

para a manutenção do capitalismo digital e cognitivo, quanto o engajamento de pesquisadores na resistência à refinada forma de colonização de sociedades ocidentais com a interação entre homem e máquina.

Um conceito central que atravessa o dossiê e que se insere na discussão entre TDICs e a Linguística é o de predição algorítmica, composto pela junção das noções de “algoritmo” e de “previsão”. Algoritmo, enquanto conceito advindo das Ciências Matemáticas, incorpora, sinteticamente, duas acepções: seja como procedimento sequenciado para a resolução de um problema; seja como detalhamento de ações para a realização de alguma tarefa. Em correlação, a expressão também foi discutida no âmbito das Ciências Linguísticas, nas chamadas gramáticas gerativas, quando se intentam compreender transformações na estrutura derivativa das línguas naturais que convertem instruções para o desenvolvimento, refinamento e instanciação de sua gramática (cf. Chomsky, 1986, 2006).

Paralelamente, o conceito de predição, embora não elaborado no campo da Linguística, é de certa forma vislumbrado quando das contribuições da área para o desenvolvimento das Teorias da Informação, desde a década de 1950, quando, por exemplo, Yehoshua Bar-Hillel, em auxílio à noção de “medida da informação”, de Claude Shannon (1948), elabora a de “informação semântica”, numa busca por explicar “o que se entende pelo conteúdo de uma afirmação, ou pela informação transportada por uma afirmação, ou quando se diz que a informação transmitida pela afirmação *j* é maior do que aquela transmitida pela afirmação *i*” (cf. Bar-Hillel, 2016, p. 697). Essa é uma clara referência a como os cientistas da linguagem, ainda que sob as fronteiras disciplinares da Filosofia da Linguagem, estiveram preocupados com a complementaridade de modelos de informação que fornecessem subsídios para o controle da comunicação e previsão da alteridade.

Na atual Era da Informação (Castells, 1999), a apropriação destes dois conceitos pelas grandes corporações de tecnologia digital (as chamadas *Big Techs*) no ciberespaço desenvolveu modulações cognitivas, políticas e culturais que condicionam os seus usuários a certos tipos de comportamento e que se reforçam nos usos diários desse tipo de tecnologia (Silveira, 2019). Como exemplo, os comportamentos datificados e acumulados pelas máquinas de aprendizagem classificam os usuários em perfis comportamentais que são condicionantes (predizem) os gostos, os modos de viver, as preferências dos sujeitos de uma forma cada vez mais personalizada, num processo que Hal Foster (2021, p. 80) cha-

maria de “curadoria [algorítmica]”. Entretanto, tais predições também encaminham para um determinado tipo de ideologia cultural e política, criando bolhas discursivas que são algumas vezes ininteligíveis entre si (Han, 2018; Hissa, 2021; Hissa, 2022; Botelho *et al.*, 2022), mas por outras perigosamente massificadas na projeção de vontades coletivas sob a tutela horizontal de líderes ou personalidades populistas, fascistas e extremistas (cf. Sloterdijk, 2016).

Há, portanto, nestas redes sociotécnicas da tecnologia digital, a proposição de uma cosmovisão e uma ontologia individualista, bélica, chauvinista e antissocial da vida coletiva, ou seja, uma tecnologia universalizada que tem como objetivo disseminar e consolidar uma visão monotécnica dos indivíduos e da própria sociedade, como se vê no sujeito projetado pelo *ethos* neoliberal da empresa de si (Dardot; Laval, 2016), emulando, tal qual uma máquina, a estandartização de modos de vida e a própria predição algorítmica em todas as esferas sociais.

É por esta razão que este dossiê se propôs a trazer ao debate caminhos alternativos, formas resistências e novas construções tecnodiversas que vêm surgindo como contraposição à barbárie que se avizinha com a diversidade de guerras (físicas, semióticas, culturais) e de colonizações cognitivas (Krenak, 2021; Bispo, 2023; Han, 2018; Hui, 2020; Mbembe, 2022; Gleiser, 2024) favorecidas pela monotecnidade e pelo neoliberalismo. Este debate, também realizado em diversas áreas científicas, necessita de um aprofundamento dentro da Linguística, já que esta ciência, em seus desenvolvimentos, pode ter sido tributária desta construção maquinica, conforme descrevemos e como as leitoras e leitores poderão identificar.

Assim, reunimos ensaios, artigos, resenha e entrevista que descrevessem práticas tecnodiversas, percepções críticas e contribuições tecnopolíticas no âmbito das Humanidades e das Ciências Sociais, com foco especial na Linguística, a fim de apresentarmos experiências, investigações, alternativas às formas digitalizadas de colonialidade, modulação, exploração e consumo. O que essas Ciências têm a nos apresentar como contraponto foi o mote para a construção desse trabalho coletivo.

Como produto do dossiê, encontramos uma diversidade de textos que representam a emergência das discussões sobre tecnodiversidade, sobretudo em diálogo com as Ciências Humanas e a Linguística Aplicada. Em consonância com a diversidade de vozes e de pesquisas, o dossiê apresenta para a comunidade acadêmica dois ensaios (crítico e teórico); sete artigos, fruto de pesquisas e estudos na área; uma entrevista; e uma resenha, totalizando nove produções acadêmicas essenciais para os leitores do número temático.

Abrindo o dossiê, Sérgio Amadeu da Silveira nos mostra, em seu importante ensaio “A ideologia da transformação digital: automatismos, solucionismos e alienação técnica”, a maneira como a tecnologia produzida pelas *Big Techs* tem afetado o mundo. O autor explica como a ideologia da transformação digital, capitaneada por grandes empresas de tecnologia atuais, tem colaborado para a alienação técnica na contemporaneidade, não apenas afetando economicamente os países onde exploram, mas também interferindo nas decisões políticas ao modular ideologicamente seus cidadãos. Ao relacionar interações sociais e poder, Silveira alerta para a necessidade da criação de tecnologias que abriguem outras formas de racionalidade, que não a neoliberal.

Em seguida, o dossiê apresenta outro excelente ensaio escrito por Emanuel Pedro Martins Gomes e Robson Campanerut da Silva, que centram seus esforços em compreender as inscrições e os circuitos de contribuições da Linguística no surgimento da Cibernética. Tendo como título “A ciência linguística nas dinâmicas do capitalismo digital: uma análise sociotécnica da Linguística no desenvolvimento do Projeto Cibernético”, os autores descrevem, a partir da análise das redes sociotécnicas que interligam linguistas às Conferências Macy, os cursos de ação que criaram os compromissos ontoepistemológicos e políticos entre a reflexão linguística do pós-Guerra e o Projeto Cibernético no campo das Ciências Humanas e a conseguinte apropriação pelo capitalismo digital. A legitimação e a sustentação da Cibernética pela Linguística e vice-versa foram inúmeras, e este ensaio se propõe a explicitar algumas delas. Além disso, o trabalho não se furta em apresentar outras cosmovisões que vão de encontro à perspectiva monotécnica do Projeto Cibernético, que, desde suas origens, favorece nova forma de engenharia social a partir de um ponto de vista militar, fato que, na atualidade, tem corroborado para a matematização e dessubstancialização da existência humana e não humana.

Abrindo a seção de artigos, com o trabalho “Cancelados, revogados e incanceláveis: a cultura do cancelamento na imprensa e nas redes sociodigitais”, Breno Alencar, Paulo Ribeiro, Wilma Alves investigam a presença de padrões e recorrência nas práticas de cancelamentos no ciberespaço, especificamente na imprensa e na rede social “X”. Analisam, assim, como casos de cancelamento de grande repercussão na sociedade brasileira são encarados pelos usuários da plataforma.

Geórgia Maria Feitosa e Paiva, por sua vez, em seu texto “Face monetizada: um ensaio sobre os conceitos de face e polidez no contexto das redes sociais”, destaca a necessidade de atualizar o conceito de face diante da atual fase do ca-

pitalismo. Relacionando os estudos da polidez e da positividade na performance do “eu” nas redes sociais, a pesquisadora defende a tese de que a face é monetizada e positivada em razão do contexto e do nicho interacional.

Já em “*Big techs*, algoritmos de redes sociais e decorrentes impactos para a performatividade linguística”, Vinícius Vargas Vieira dos Santos tem como propósito investigar de que modo as grandes corporações do Vale do Silício têm afetado a comunicação humana através do algoritmo e, por conseguinte, a produção das performatividades linguísticas *on line*. Relacionando-se à CPI dos Atos Antidemocráticos da Câmara Legislativa e à Lei das *fake news*, o trabalho aponta caminhos contra hegemônicos na esfera digital.

Em “Transfobia Algorítmica: a reprodução binária em imagens de pessoas”, Paulo Boa Sorte, Deborah Teles de Meneses Gonçalves e Giulia Pereira Santos tratam dos efeitos da inteligência artificial (IA) na identificação de gênero, com ênfase nos desafios e nas implicações para pessoas de gêneros dissidentes. Ao problematizar os padrões faciais presentes nas tecnologias, os autores alertam atenção para a necessidade do combater à discriminação algorítmica.

Fechando a seção de artigos, Jade Arbo e Eduardo Marques, no artigo “Frankenstein e Tecnologia: uma leitura do romance de Mary Shelley”, refletem como o romance de Mary Shelley proporciona uma visão crítica à ciência moderna. Ao argumentarem que a literatura de modo geral e especialmente a de ficção científica são instrumentos pujantes para pensar a ciência, os autores destacam a necessidade de repensar formas de conhecer e habitar o mundo, sobretudo a partir de uma tecnodiversidade.

Finalizando este dossiê, trazemos ainda dois textos. O primeiro é a tradução de uma entrevista dada pelo antropólogo Eduardo Viveiro de Castro ao filósofo Yuk Hui, em que discutem ideias acerca de diversas temáticas, a saber: ontologia, natureza, cultura, técnica, modernidade, cosmologias, cosmotécnicas, multiculturalismo; ademais, o entrevistado aponta estratégias de sobrevivência para enfrentar o Antropoceno, na propositura de um “primitivismo estratégico”. O segundo é uma resenha do livro *Cidadãos substituídos por algoritmos*, de Néstor Garcia Canclini, feita por Breno Alencar e Christiane dos Santos.

Assim, chegamos ao final desse processo que durou meses de discussão e trabalho em conjunto, com a publicação do dossiê. Por isso, gostaríamos de agradecer a todas e a todos, autoras e autores, que disponibilizaram seu tempo para contribuir com este trabalho. Este dossiê pode configurar-se, em certo

ponto, como pequena peça de uma gramática decolonial e contracolonial, que vem sendo urdida por pesquisadoras e pesquisadores atentos em fazer do uso da técnica e da tecnologia um modo de possibilitar o surgimento e a ampliação de tecnodiversidades (Hui, 2018), que não apaguem nem destruam a pluralidade de formas de vida.

Referências

- BAR-HILLEL, Yehoshua. Semantic Information and its Measures. In: PIAS, Claus. **Cybernetics. The Macy Conferences 1946-1953**. The Complete Transactions. Zurich; Berlin: diaphanes, 2016, p. 697-706.
- BISPO, Nego. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Editora Ubu/Piseagrama, 2023.
- BOTELHO, Marina Alvarenga *et al.* Discursos e redes anticorrupção no Twitter: “Bolsonaro incorruptível”. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. e6003, 2022. DOI: 10.18617/liinc.v18i2.6003. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6003>>. Acesso em: 19 abr. 2024.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language: its nature, origin, and use**. New York: Praeger, 1986.
- _____. **Language and Mind**. 3rd Ed. New York: Cambridge University Press, 2006.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Trad. de Mariana Echalar. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- DUPUY, Jean-Pierre. **Nas origens das ciências cognitivas** Tradução de Roberto Leal Ferreira Manha. Editora Unesp, 1996.
- FOSTER, Hal. **O que vem depois da farsa? Arte e crítica em tempos de debacle**. Tradução de Célia Euvaldo, com colaboração de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- GLEISER, Marcelo. **O despertar do universo consciente: um manifesto para o futuro da humanidade**. São Paulo: Record, 2024.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HISSA, Débora; ARAÚJO, Nukácia. Infodemia na sociedade do desempenho: entre o mural panfletário e o panóptico digital. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 21, p. 1011-1035, 2021.
- HISSA, Débora Liberato Arruda. Da manipulação das massas nas redes sociais às ações de combate à desinformação. **Revista Linguagem em Foco**, v. 14, n. 2, p. 68-89, 2022.
- HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Editora Ubu, 2020.
- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 Edições, 2022.
- SHANNON, Claude E. A Mathematical Theory of Communication. **The Bell System Technical Journal**, Vol. 27, pp. 379-423, 623-656, Julho-Outubro, 1948. Disponível em: <https://people.math.harvard.edu/~ctm/home/text/others/shannon/entropy/entropy.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Democracia e os códigos invisíveis**: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas. São Paulo: Edições SESC-SP, 2019.

SLOTERDIJK, Peter. **O desprezo das massas**: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. Tradução de Cláudia Cavalcanti. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.